



**REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS NA SAÚDE E O PAPEL DO INTELLECTUAL
ACADÊMICO: UMA ANÁLISE INFOCOMUNICACIONAL DA EDUCAÇÃO
POPULAR E SAÚDE NO BRASIL¹**

GT8: Comunicação Popular, Comunitária e Cidadania

Marcus Vinícius Pereira da Silva²

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

marcussilva@fiocruz.br

Regina Maria Marteleto³

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ibict/UFRJ), Brasil

regina.mar2@gmail.com

Resumo

Este trabalho está inserido no campo de estudos da informação e comunicação em saúde e busca analisar os fluxos de informação e os processos de intermediação no campo da Educação Popular e Saúde (EPS) no Brasil, com foco

¹ Trabalho elaborado a partir da dissertação de mestrado “Construção e divulgação do conhecimento no campo da Educação Popular e Saúde” apresentada no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz). Integra o projeto de pesquisa “Antropologia da Informação e Redes Sociais na Saúde”, financiado pelo CNPq/MCTI, para ser desenvolvido entre 2010 e 2015.

² Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (Icict/Fiocruz). Pesquisador do Grupo de Pesquisa do CNPq “Cultura e Processos Infocomunicacionais”. Analista de Informação da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz.

³ Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Cultura e Processos Infocomunicacionais”.

nos papéis e posições dos intelectuais acadêmicos. É adotado o conceito de informação relacionado ao seu aspecto sociocultural, no qual a informação é associada ao processo de transformação do conhecimento. Recorre ao conceito de rede social associada à de ação coletiva para estudar o campo da EPS como uma rede de movimento social na saúde; e à noção de 'intelectual específico' desenvolvida por Michel Foucault e ao conceito e metodologia de construção compartilhada do conhecimento para a compreensão do papel do intelectual acadêmico em um movimento social. Utiliza a metodologia de análise de redes sociais para o cumprimento dos objetivos do trabalho. Os resultados apontam que os intelectuais acadêmicos possuem um papel de destaque no plano epistemológico e político, além de terem o papel de intermediar as informações que circulam na rede.

Palavras-chave: educação popular e saúde, redes de movimentos sociais, análise de redes sociais, informação e comunicação em saúde.

Introdução

Este artigo se insere no âmbito dos estudos da informação e comunicação em saúde e almeja apresentar um estudo sobre o fluxo de informação e os processos de intermediação em uma rede de movimentos sociais na saúde, observando os papéis e posições dos intelectuais acadêmicos. Para cumprir esse objetivo foi selecionado o campo da Educação Popular e Saúde (EPS) no Brasil e foi empregada a metodologia de análise de redes sociais (ARS), na qual apresenta como diferencial em relação às outras metodologias – o foco nas relações entre os atores, ou seja, a análise é formada pelo conjunto de atores e suas relações.

A EPS, assim como os outros movimentos sociais da América Latina, advém de ações de resistências e reivindicativas que nascem de um sistema social

excludente, com desigualdades sociais e discriminação em relação a uma parcela considerável da população.

A EPS surge na década de 1970, durante a ditadura militar no Brasil, a partir da insatisfação dos profissionais de saúde com as práticas mercantilizadas e rotinizadas dos serviços de saúde e ávidos por uma atuação mais significativa para as classes populares. Esses profissionais se ligaram inicialmente com experiências informais de trabalhos comunitários, em especial ligados à Igreja Católica, em seguida, à multiplicação de Serviços de Atenção Primária à Saúde, e, no final da década de 1970, contribuíram para criação de condições institucionais para fixar esses profissionais nos locais de moradia das classes populares (Vasconcelos, 2004).

O movimento de EPS se expandiu para além das fronteiras das comunidades e hoje está presente nas universidades, secretarias de saúde e nos centros de formação profissional. Também possui diversos grupos ou coletivos, tais como: a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Aneps); a Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop); a Rede de Educação Popular e Saúde (Redepop) e o GT de Educação Popular e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco).

A escolha pelos intelectuais acadêmicos como objeto de análise teve como pressuposto que esse domínio de conhecimento encontra-se em fase de institucionalização nos planos epistemológico, social e político, obtendo maior reconhecimento e visibilidade nas esferas acadêmicas, do Estado e da sociedade nos últimos anos. Fundamentado nesse pressuposto, foi considerado como intelectuais acadêmicos os pesquisadores que integram o GT de EPS da Abrasco, por supor que estes pesquisadores possam ser reconhecidos como expoentes nos processos de construção do conhecimento no campo da EPS.

Na primeira parte deste trabalho a Educação Popular e Saúde no Brasil é apresentada brevemente. Em seguida o conceito de redes sociais é associado ao de ação coletiva para compreensão da EPS como uma rede de movimentos sociais na saúde. Na terceira parte, é apresentado conceito de intelectual específico trabalhado por Michel Foucault e o conceito e a metodologia de construção compartilhada do conhecimento desenvolvida no âmbito da EPS. Essas noções e conceitos servem para embasar a Análise de Redes Sociais, descrita na quarta parte deste trabalho e são apresentados os resultados em seguida.

Breve histórico da Educação Popular no Brasil

A proposta de caracterização da EPS como um movimento social foi cunhada por Eymard Vasconcelos em um Congresso de Saúde Coletiva da Abrasco, realizado em Salvador, no ano de 2000 (Stotz, David, Wong Un, 2005).

Até meados da década de 1970 a educação em saúde foi uma iniciativa das elites econômicas e políticas e as práticas preventivas e educativas em saúde se davam de forma isolada. A política de saúde imposta durante a ditadura militar no Brasil se voltou para ampliação dos serviços de saúde privados, principalmente hospitais, onde não havia espaço para práticas educativas (Vasconcelos, 2004).

Neste contexto, surge o movimento social denominado Educação Popular e Saúde, no qual muitos profissionais da área da saúde insatisfeitos com as práticas dos serviços de saúde da época incorporaram os preceitos da Educação Popular (EP). Esta tem origem nos movimentos populares das décadas de 1950 e 1960 e tem como principais referências as propostas teóricas e metodológicas desenvolvidas por Paulo Freire, pelo Movimento Popular de Cultura, pelos Centros

Populares de Cultura da União Brasileira de Estudantes (Une) e pelo Movimento de Educação de Base (Marteleto, Valla, 2003). Para Vasconcelos (2007) as práticas em EP possibilitaram que muitos intelectuais tivessem acesso e começassem a conhecer as dinâmicas de lutas e resistências.

No âmbito da EP, o conhecimento é entendido como produto e condição de trabalho e de cidadania. Marteleto (2009) salienta que a atitude de conhecer e o seu resultado, o conhecimento, são atividades não neutras do ponto de vista da proposta social que os grupos almejam construir. A autora observa ainda que o conhecimento não é sinônimo de ciência, e, sim, fruto de diversos modos de produção de saberes, posto isto «o conhecimento científico é uma dentre outras formas de saber» (Marteleto, 2009, p. 57).

Ao incorporar os preceitos da EP na área da saúde, começam a surgir experiências de serviços comunitários de saúde desvinculados do Estado «em que profissionais de saúde aprendiam a se relacionar com os grupos populares, começando a esboçar tentativas de organização de ações de saúde integradas à dinâmica social local» (Vasconcelos, 2004, p. 69). Muitas das experiências de saúde comunitária desenvolvidas na década de 1970 se expandiram, se fortaleceram e foram referências centrais para pensar no novo modelo de assistência à saúde que começava a ser construído: o Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil.

Vasconcelos (2004) salienta que com a conquista da democracia e construção do SUS, na década de 1980, as experiências localizadas de trabalhos comunitários de saúde perderam importância. Os movimentos sociais começaram a lutar por mudanças mais globais nas políticas sociais. Os técnicos passaram a ocupar espaços institucionais amplos e a convivência direta com a população foi mais possível. Porém «a experiência de integração vivida por tantos intelectuais e

líderes populares, o saber ali construído e os modelos institucionais que começaram a ser gestados continuam presentes» (Vasconcelos, 2004, p. 69).

Em 1991, vários profissionais de saúde, da academia, militantes de movimentos e organizações não governamentais que trabalhavam com os preceitos da Educação Popular na área da Saúde se organizaram na Articulação Nacional de Educação Popular e Saúde, durante o I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde, na cidade de São Paulo. No ano de 1998, essa Articulação passou a se chamar Rede de Educação Popular e Saúde (Redepop) (Stotz, David, Wong Un, 2005).

Segundo Vasconcelos (2001) os elementos fundamentais do campo da EPS são: a historicidade da relação com os oprimidos, sua configuração e pluralidade político-ideológica, a unicidade na intencionalidade de construção de um projeto político de transformação social e a multiplicidade de seus atores como docentes, militantes de movimentos populares, usuários, profissionais e gestores.

Hoje a EPS está também nas universidades, nas secretarias de saúde e nos centros de formação social. Existe um intenso trabalho de pesquisa e no processo de conhecimentos há preocupação com o diálogo entre os pesquisadores e os outros atores, tendo em vista que o conhecimento científico não é único e não deve ser passado de modo unidirecional. (Vasconcelos, 2010).

Pedrosa (2008) aponta que a EPS pode ser considerada como um campo no qual vem se constituindo outra forma de construção do conhecimento e sistematização de experiências, que apontam para novos desenhos em relação às práticas de saúde, que vão desde o âmbito do cuidado até as práticas gerenciais e de gestão.

Além da Redepop, o campo da EPS possui outros coletivos ou grupos, entre eles a Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop), a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Aneps) e o Grupo de Trabalho de Educação Popular e Saúde (GT de EPS) da Abrasco. A EPS também está presente na estrutura do Ministério da Saúde do Brasil, representado pela Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e Mobilização Social, da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (SGEP). Essa última apresentou ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) a Política Nacional de Educação Popular em Saúde, aprovada durante a 235ª reunião ordinária, realizada em 12 de julho de 2012.

Redes de movimentos sociais na saúde

O conceito de redes sociais é usado para situar o local institucional e social dos atores. Ele serve como base teórica e instrumento metodológico para analisar o fluxo informacional, as interações, os papéis e as posições dos intelectuais acadêmicos no campo da EPS. Entende-se, assim, a EPS como uma rede de movimento social movida por ação coletiva, a fim de explorar o caráter de mobilização e luta social dos atores.

Trata-se de redes complexas que unem pessoas e organizações sem uma fronteira bem definida na luta de causas comuns. Nesses movimentos, a própria identidade vai se formando de maneira dialógica a partir das discussões e das identificações sociais, éticas, culturais e políticas comuns a seus membros (Scheren-Warren, 2005).

Sobre a noção de ação coletiva, Scheren-Warren (2006) ressalta que ela tem sido usada na academia como conceito empírico para se referir a toda e qualquer forma de ação reivindicativa ou de protesto realizado através de grupos sociais,

tais como associações civis, agrupamentos para a defesa de interesses civis ou públicos comuns, organizações de interesse público. Para a autora, essa forma é genérica e abrangente, referindo-se a diferentes níveis de atuação, dos mais localizados e restritos, uma Organização Não Governamental (ONG), por exemplo; aos de um alcance mais universal na esfera pública, como, por exemplo, um movimento social.

Segundo a autora (2006), deve-se fazer uma distinção entre coletivos em rede e redes de movimentos sociais. O primeiro se refere a conexões entre organizações empiricamente localizáveis. Esses podem ser segmentos (nó) de uma rede mais ampla de movimentos sociais, que se caracteriza por ser uma rede de redes. Os coletivos em rede têm como foco buscar apoios solidários, ou mesmo estabelecer estratégias de ação conjunto. Além disso, busca a troca de informações.

Na saúde, Marteleto (2012) entende as redes sociais de ações coletivas como uma vasta e indefinida teia formada pelos elos e entre os atores situados em diferentes posições no espaço social, de acordo com sua inserção de classe e de pertencimento a determinados campos. Essa diversidade de lugares que os atores estão situados tem como contraponto o compartilhamento de objetivos e interesses comuns de melhorias da saúde da população.

A autora destaca que nos estudos de redes sociais deve considerar que existem atores que exercem a função de personagens-chave. Estes possibilitam a mobilização da rede e a comunicação entre os subgrupos e com outras redes. Marteleto (2001, 2012), então, constrói categorias a fim de perceber os modos de combinação dos recursos informacionais, comunicacionais e cognitivos desses atores. Elas não são mutualmente exclusivas, os atores da rede podem pertencer a mais de uma categoria, são elas: mentor, articulador, tradutor, instrumentalizador e cosmopolita.

Os intelectuais acadêmicos que atuam em redes sociais de ações coletivas têm como umas das características, conceber críticas e desafiar os critérios positivistas e elitistas do conhecimento e as formas como ele é produzido, difundido e reproduzido pelas instituições. «É através das próprias relações nas redes que os atores exercitam e buscam sintonizar os diferentes discursos, o que não se realiza sem dificuldades ou conflitos de ambas as partes: os agentes externos e internos» (Marteleto, 2012, p. 234).

O papel do intelectual

Para Foucault (1979), durante muito tempo, o intelectual dito 'de esquerda' tomou a palavra e era reconhecido o seu direito de fala enquanto dono da verdade e da justiça. «As pessoas o ouviam, ou ele pretendia se fazer ouvir como representante do universal. Ser intelectual era um pouco ser a consciência de todos» (Foucault, 1979, p. 8). A esse intelectual, Foucault chama de universal.

Hoje, não se pede mais que os intelectuais desempenhem esse papel. Estabeleceu-se um novo modo de ligação entre a teoria e a prática, no qual os intelectuais não trabalham mais no universal, no exemplar, no justo e verdadeiro para todos, mas, sim, em setores determinados, em locais precisos que os situam. Com isso, as lutas ganham uma consciência muito mais concreta e imediata e se aproximam da sociedade em geral por duas razões: «porque se tratava de lutas reais, materiais e cotidianas, e porque encontravam com frequência, mas em outra forma, o mesmo adversário» (Foucault, 1979, p. 9). Esse tipo de intelectual Foucault chama de intelectual específico.

O papel do intelectual específico deve ser tornar cada vez mais importante, ao passo que ele é obrigado a assumir responsabilidades políticas. Foucault ainda

destaca que não se pode desqualificar o intelectual específico por causa da sua relação com o saber local, sob o pretexto de ser problema de especialistas e que a sociedade, de modo em geral, não tem interesse. Esses intelectuais descobriram que a sociedade não precisa deles para saber, elas sabem mais do que eles e o dizem muito bem. Porém, há um sistema de poder que barra, proíbe e invalida esse discurso e esse saber das massas (Foucault, 1979).

A ideia sobre o papel do intelectual desenvolvida por Foucault ajuda a perceber os papéis e posições que os intelectuais acadêmicos desempenham no campo da EPS, além de ajudar a entender o conceito e a metodologia de construção compartilhada do conhecimento, apresentada a seguir.

Construção compartilhada do conhecimento

A construção compartilhada do conhecimento é um conceito e, ao mesmo tempo, uma metodologia, criado a partir da busca por um novo paradigma teórico-epistemológico para se compreender e se efetivar a relação entre acadêmicos, intelectuais, técnicos e representantes do poder público com a população (Marteleto, Valla, 2003).

Carvalho, Acioli, Stotz (2001) entendem a construção compartilhada do conhecimento como uma metodologia desenvolvida no âmbito da EPS que se baseia na perspectiva da Educação Popular, no qual considera a experiência cotidiana dos atores envolvidos e tem por finalidade, a conquista, pelos indivíduos e grupos populares, de maior poder e intervenção nas relações sociais que influenciam a qualidade de suas vidas. Nessa metodologia, o conhecimento é construído a partir de um processo comunicacional, no qual atores com saberes diferentes, porém não hierarquizados, se relacionam em prol de um objetivo comum (Carvalho, Acioli, Stotz, 2001).

A metodologia de construção compartilhada do conhecimento está pautada em três dimensões: a política, a epistemológica e a educativa. A dimensão política está relacionada à luta pelo fortalecimento das políticas de saúde e, principalmente, da construção do SUS. A dimensão epistemológica destaca o valor do conhecimento produzido entre o senso comum e a ciência. Nesta perspectiva, a ciência também deve incorporar as dimensões políticas presentes no conhecimento produzido pelo senso comum. A dimensão educativa tem no construtivismo a referência teórica para o conceito de aprendizagem. «A aprendizagem, em uma perspectiva construtivista, pode ser definida como um processo pelo qual o indivíduo, inserido no contexto social, elabora uma representação pessoal do objeto a ser conhecido» (Brasil, 2007, p. 7).

Segundo Marteleto e Ribeiro (2001) há o intercruzamento de três eixos de saber na construção compartilhada do conhecimento: a) o conhecimento produzido e controlado pelos órgãos oficiais a respeito das condições de vida da população; b) o conhecimento acadêmico ou perspectivas de análise teóricas e metodológicas voltadas à compreensão dos processos de produção de desigualdade e miséria; e c) o conhecimento dos sujeitos que vivem concretamente as condições de vida que geram os problemas e as situações que são objeto das ações dos agentes nos movimentos.

A EPS acredita que a questão da informação e do conhecimento sobre saúde tem sua expressão nas novas formas de articular os conhecimentos científicos e populares e de combinar o conhecimento teórico e prático (Marteleto, Valla, 2003).

Metodologia

A EPS – entendida, nos termos desse estudo, como uma rede de movimentos sociais movida por ação coletiva – configura-se em quatro coletivos ou grupos principais: o Grupo de Trabalho de Educação Popular e Saúde da Abrasco (GT EPS); a Rede de Educação Popular e Saúde (Redepop); a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Aneps) e a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Extensão Popular (Anepop), além de outros desdobramentos nas esferas acadêmicas, científicas, gerenciais e dos movimentos sociais.

Foi selecionado neste estudo os membros do GT EPS da Abrasco como objeto empírico, por acreditar que esses possam ser reconhecidos como expoentes na construção do conhecimento em EPS e por estarem associados a uma sociedade científica e acadêmica, a Abrasco. Os nomes dos integrantes do GT/Abrasco foram localizados no sítio web da Associação⁴, e como tal, considerados como os representantes legítimos do GT e do próprio núcleo de intelectuais acadêmicos da EPS.

Criado durante o Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, realizado na cidade de Salvador, em agosto de 2000, a partir da Oficina da Redepop, com participantes da Rede e outros profissionais de serviços e da área acadêmica envolvidos com EPS, o GT é formado por um coordenador, 14 membros e 4 participantes institucionais . Os atores analisados na pesquisa foram os 14 membros e o coordenador.

⁴ Informação retirada no sítio oficial da Abrasco no dia 12 de outubro de 2012. Disponível em: < http://www.abrasco.org.br/grupos/composicao.php?id_gt=12 >

A Redepop foi usada como instrumento de análise da rede social formada pelos atores que compõem o campo da EPS, uma vez que nela atuam, de forma histórica e participativa, os intelectuais acadêmicos, desde o momento de sua constituição.

Para cumprir o objetivo deste trabalho – estudar o fluxo informacional no campo da Educação Popular e Saúde (EPS), com foco nos papéis e posições dos intelectuais acadêmicos – foi empregada a metodologia de análise de redes sociais (ARS). Essa metodologia permitiu observar o conjunto de relações que os atores estabelecem através das interações com os outros atores da rede.

Para coleta dos dados, foi desenvolvido um questionário na plataforma online do Google Docs, pela ferramenta Formulário e enviado para antiga lista eletrônica de discussão da Redepop⁵, com três partes distintas: a) dados gerais do respondente; b) inserção no campo da EPS e na Redepop; c) contatos. A lista foi criada em 2001 no Yahoo Grupos e reunia participantes de todo o país mantendo uma participação significativa dos seus associados, com média mensal de cerca de 300 mensagens.

O questionário foi respondido por 69 pessoas entre os meses de novembro e dezembro de 2011. Com o propósito de identificar a rede de contatos, a terceira parte do questionário solicitou aos respondentes que indicassem até cinco pessoas com as quais vinham mantendo parcerias e atuando com maior frequência, em função das atividades e objetivos no campo da EPS. Por questões éticas, os atores não são identificados nominalmente. Foram criados códigos para a análise.

⁵ Endereço web: <http://br.groups.yahoo.com/group/edpopsaude/>.

Para configurar a rede de expoentes, foi solicitado aos respondentes que indicassem os nomes de até 5 pessoas que consideram mais relevantes no campo. Os dados levantados foram analisados com base nos parâmetros da ARS, que permite o estudo dos padrões de relacionamentos entre os atores, a fim de analisar a estrutura e o modo de funcionamento de uma rede. Para identificar os padrões utilizou-se o software Ucinet⁶, para o cálculo das medidas de centralidade; e o Netdraw, que acompanha o Ucinet, para a representação dos diagramas da rede.

Foram utilizadas duas matrizes de dados da pesquisa: a) a rede de contatos, cujo objetivo é identificar os elos entre os atores e a posição que ocupam na rede; b) a rede de expoentes, configurada pelos atores considerados os mais destacados nas ações de EPS. A partir dessas duas matrizes, procurou-se observar os elos dos intelectuais acadêmicos entre si e com outros atores, bem como suas posições de destaque na rede de expoentes.

Também foram utilizadas perguntas referentes à inserção no campo da EPS para caracterizar os atores.

Resultados

A ARS contribui para compreender que o poder é relacional. Um ator só tem poder se pode 'dominar' os outros atores que mantém relação, sendo assim, o poder é uma consequência dos padrões de relacionamento. Ou seja, a inserção de um ator em uma rede define o seu poder e sua influência em relação aos outros. A posição estrutural de um ator pode criar oportunidades e maximizar suas relações e, se sua posição for desvantajosa, pode inibir suas ações e restringir suas relações.

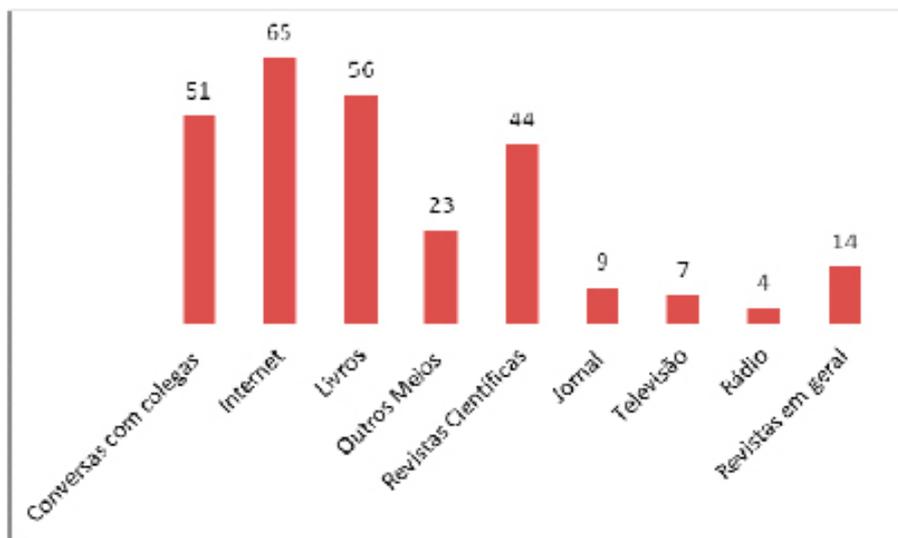
⁶ Endereço web: www.analytictech.com/ucinet/

Entre os respondentes, há equilíbrio entre o sexo feminino e masculino (58% são do sexo feminino e 42% do sexo masculino); a maior parte dos atores possui mais de 40 anos de idade (63% entre 40 e 59 anos); estão concentrados na região nordeste e sudeste (42% no sudeste e 31% no nordeste) e há alta qualificação profissional (55% possuem mestrado e/ou doutorado). As principais profissões são: médicos, professores, enfermeiros, assistentes sociais e psicólogos. 78% dos respondentes atuam há mais de 5 anos na EPS.

A maior parte dos respondentes não participa ou participa poucas vezes de eventos sobre EPS (31% dizem que nunca participaram; 31% participaram poucas vezes; 22% dizem participar regularmente; e 16% sempre participam).

Em relação aos meios de comunicação, a maior parte utiliza a internet, livros, conversas com colegas e revistas científicas, conforme podemos observar no gráfico 1:

Gráfico 1: meios de comunicação utilizados



Fonte: Pesquisa “Antropologia da Informação e Redes Sociais na Saúde”

O baixo número de indicações em relações ao uso de jornais, televisão, rádio e revistas pode estar relacionado a ausência de discussões sobre EPS nesses meios e a alta qualificação dos atores que atuam no movimento, pois os meios indicados pelos respondentes são comuns entres os atores da academia.

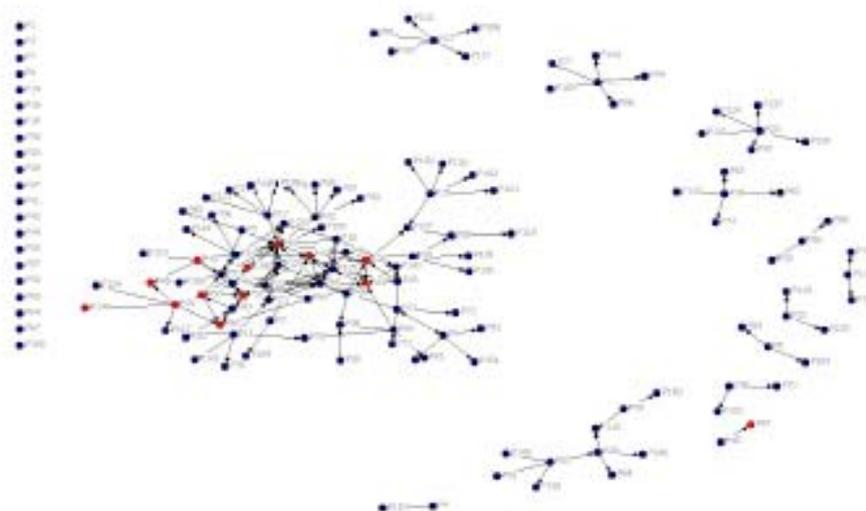
Entre os 15 membros do GT de EPS da Abrasco, 6 membros responderam ao questionário enviado para a lista de discussão. 13 membros foram indicados como contatos e/ou como expoentes do campo da EPS.

- **Rede de contatos**

A rede de contatos pesquisada tem 149 atores, entre os respondentes do questionário e seus indicados. Pela visualização da Figura 1 percebem-se diferentes agrupamentos de redes, de dimensões distintas.

Para a análise é necessário observar os seguintes casos: a) os atores que responderam o questionário e indicaram seus contatos; b) atores que responderam o questionário, porém não indicaram seus contatos; c) atores que não responderam o questionário, porém foram citados pelos respondentes.

Figura 1: Rede de Contato de EPS



Fonte: Pesquisa “Antropologia da Informação e Redes Sociais na Saúde”

Os atores posicionados em fileira à esquerda da Figura 1, responderam o questionário, porém não indicaram seus contatos e não foram indicados.

Os nós em vermelho da Figura 1 são os membros do GT de EPS da Abrasco. Entre os 15 intelectuais acadêmicos selecionados para este estudo, 13 foram indicados como principais contatos.

A configuração maior da rede, à esquerda da Figura 1, tem a presença dos atores mais influentes e atuantes, que são os mais bem posicionados na rede. 12 membros do GT estão nessa configuração. O ator P87, em vermelho no canto inferior à direita, não respondeu o questionário e foi citado por um respondente.

A configuração da rede demonstra que os intelectuais acadêmicos exercem um papel central na configuração da rede, possuindo influência perante os outros atores que atuam no campo da EPS.

A seguir são apresentadas algumas medidas de centralidade utilizadas na ARS para identificar as posições que os intelectuais acadêmicos possuem na rede em relação às trocas de informações.

Centralidade de Grau

Os atores que possuem maior quantidade de ligações com outros atores da rede têm uma posição mais vantajosa, pois podem ter formas alternativas para satisfazer suas necessidades e, portanto, são menos dependentes de outros atores. Quanto maior o número de ligações, maior é a oportunidade de se comunicar e, assim, obter informações.

Quando um ator recebe muitas ligações, pode-se dizer que ele é proeminente e possui muito prestígio na rede, pois muitos atores buscam instituir vínculos com eles, isto pode indicar sua importância. Entre os 10 atores com maior centralidade de grau citados, 6 são membros do GT de EPS da Abrasco.

O ator com maior grau de centralidade é o P69, membro do GT de EPS da Abrasco. Médico, com mestrado em Saúde Pública e doutorado em Educação. Trabalha em uma secretaria municipal de saúde. Atua desde 1983 no campo da saúde pública. Participou da maioria das conferências de saúde em suas etapas municipais, estaduais e nacional. Trabalhou por muitos anos em municípios do interior levando o cuidado articulado ao trabalho educativo, de mobilização e organização popular. Participou da estruturação da Estratégia Saúde da Família (ESF) desde as primeiras equipes. Ajudou a organizar cursos de educação

popular e outras estratégias de formação. Participa ativamente da luta pela construção de algumas políticas. Atuou em comunidades indígenas, no campo e na cidade e ajudou a organizar experiências de gestão participativa. O ator diz ser um membro ativo da Redepop e que ajuda a organizar encontros, tendas e publicações, além de provocar e animar algumas discussões na lista eletrônica de discussão.

O ator P39 possui o terceiro maior grau de centralidade. Médico com mestrado e doutorado na área de Saúde Coletiva, é professor de uma universidade. O ator se considera atuante na luta pela consolidação do SUS, pois é participante do movimento de reforma sanitária e defende os princípios do SUS na docência, na pesquisa e na militância social e política. O ator diz participar das discussões na Redepop, apresentando tópicos para reflexão, propostas de eventos e manifestações.

O quarto ator com maior centralidade de grau é o P52. Graduado em Enfermagem e Obstetrícia, com mestrado e doutorado na área de Educação, é professor de uma universidade federal. O ator diz debater em sala de aula, tanto na graduação quanto na pós-graduação, assuntos relacionados ao SUS. Na atuação como representante da Redepop no Conselho Nacional de Educação Popular em Saúde (CNEPS), ajudou a formular uma política nacional de Educação Popular e Saúde; participou das reuniões organizativas do Movimento Popular de Saúde (MOPS) e participou de conferências municipais de saúde. Participou da lista eletrônica de discussão desde a criação e das atividades presenciais da Redepop; envolveu-se na organização do 3º Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde e foi coordenador da Redepop.

O P24, que possui o quinto maior grau de centralidade é médico, mestre em educação e doutor em infectologia e medicina tropical, também é professor de

uma universidade federal. Atua desde 1974 em iniciativas e movimentos que foram significativos para estruturação do SUS e foi coordenador da Redepop.

Através da medida de centralidade de grau, pode-se dizer que os intelectuais acadêmicos exercem um papel de poder na configuração da rede e possuem prestígio perante os outros atores que compõe o movimento, entre eles: profissionais da saúde, estudantes, gestores etc.

Centralidade de Intermediação

A posição de um ator pode favorecer o acesso e o fluxo da informação, especialmente quando ele intermedeia a comunicação entre atores, ou seja, quando sua posição é favorecida pelo trajeto por onde a informação circula. O cálculo dessa medida é feito com base nos caminhos geodésicos, ou seja, os mais curtos.

Quanto maior o grau de intermediação, maior o poder de controlar a informação que está na rede. Essa posição pode ainda permitir que os atores possam influenciar as pessoas para as quais ele intermedeia informações. Entre os 10 atores com maior índice de intermediação, 5 são membros do GT de EPS da Abrasco.

Entre os atores com maior índice de intermediação, somente o ator P60 não aparece entre os 10 atores com maior grau de centralidade. Os atores P69, P29, P39 e P52 também estão entre os 10 atores com maior grau de centralidade.

O ator P60 tem o quinto maior índice de intermediação. Médica e mestre em Educação, trabalha em um hospital da rede pública e para uma prefeitura. Iniciou seu trabalho em atenção primária ainda na faculdade, atuando no movimento

estudantil e discutindo questões da reforma sanitária e psiquiátrica. Participou da 8ª Conferência Nacional de Saúde e desde então, luta pela implementação do SUS e em sua qualificação, pois trabalha também na formação profissional, com foco na atenção primária à saúde. O ator também se considera participante ativo na Redepop.

- **Rede de expoentes**

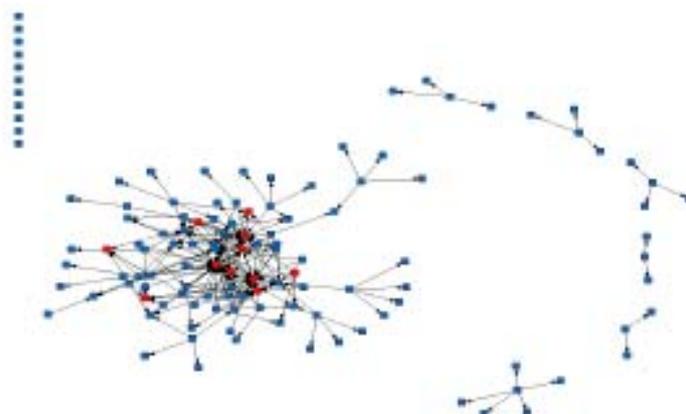
Para dimensionar a rede de expoentes foi solicitado que os respondentes citassem até cinco pessoas que considerassem atuantes e expressivas no campo da EPS. De forma diferente da rede de contatos, que considera os elos e compartilhamentos entre os atores, a rede de expoentes se refere aos atores citados como os mais destacados em sua atuação no campo.

Os resultados demonstram que 20 atores receberam de 3 a 28 citações. Desses, 10 receberam mais de sete indicações, um valor significativo em relação ao total dos indicados – mais de 70.

Entre algumas justificativas de alguns respondentes, destacam-se: a) são atuantes na área e fornecem informações importantes para a região nordeste do país; b) contribuem com a área com ações que auxiliam outras pessoas; c) seus comentários na lista de discussão são significativos; d) fornecem embasamento teórico para refletir sobre a Educação popular e saúde.

A Figura 2 representa a rede de expoentes, com total de 125 atores. Os atores nesse diagrama possuem ligações distintas da maioria das redes, em virtude de que as ligações são constituídas pela influência e/ou admiração que um exerce sobre o outro. Destaca-se em vermelho os membros do GT de EPS da Abrasco.

Figura 2: Redes de expoentes de EPS



Fonte: Pesquisa “Antropologia da Informação e Redes Sociais na Saúde”

Entre os 10 atores mais citados, 6 são do GT de EPS da Abrasco, sendo que três figuram nas primeira posições. São eles: P24, P69, P52, P39, P29 e P40.

A partir da análise de rede de contatos e da rede de expoentes, pode-se observar que os intelectuais acadêmicos exercem um papel de centralidade na rede, alguns possuem o poder de intermediar as informações que circulam na rede e são reconhecidos como expoentes do campo da EPS. Utilizando as categorias propostas por Marteleto (2001; 2012) para análise de redes sociais de ações coletivas, os intelectuais acadêmicos no campo da EPS podem ser considerados “mentores” (Marteleto, 2001; 2012), pois possuem a capacidade de articular teoria e prática na direção das necessidades e objetivos da população e seus movimentos organizativos, ocupando, assim, posições privilegiadas na rede e para eles confluem diversos tipos de informações.

O ator P69, ator com maior centralidade de grau, quarto maior índice de intermediação e segundo com maior número de citações como expoente no campo da EPS, mantém contato com atores de outros coletivos ou grupos do

campo da EPS, como, por exemplo, a Aneps e o Mops. Pode-se considerar que ele possui um papel de “articulador” (Marteleto, 2001; 2012), pois mantém contatos com os subgrupos, facilitando a comunicação e o fluxo de informação na rede.

Pode-se também considerar o ator P24, o ator mais mencionado como expoente da rede de EPS, como “cosmopolita” (Marteleto, 2001; 2012), pois este pode exercer o papel de representante do movimento de EPS, por ser referência na rede e ter influência sobre seus membros. Ele pode agir como uma “terceira pessoa” externa a um subgrupo cada vez que uma negociação está bloqueada e necessita o auxílio de uma pessoa externa (Marteleto, 2012).

Considerações finais

Este artigo buscou estabelecer alguns parâmetros para os estudos dos fluxos informacionais e os processos de intermediação em uma rede de movimento social na saúde, destacando o papel dos intelectuais acadêmicos.

O uso da ARS possibilitou entender a EPS não apenas como uma rede de informação e comunicação entre os atores que a compõem, como também possibilitou a análise das relações entre eles. A análise levou em conta duas configurações: a rede de contatos e a rede de expoentes. As medidas calculadas mostram que os intelectuais acadêmicos possuem um papel de destaque no plano epistemológico, político e social. Eles são reconhecidos como expoentes do movimento, além de possuírem posições centrais na configuração da rede. Observou-se que eles atuam tanto no meio acadêmico quanto nos movimentos sociais, o que possibilita que os discursos e as informações produzidas no âmbito dos movimentos sociais sejam levadas para as sociedades científicas e para as universidades e vice-versa, contribuindo para uma construção compartilhada do



conhecimento. Pode-se observar, também, na rede de expoentes que os intelectuais acadêmicos podem desempenhar o papel de intelectual específico desenvolvido por Foucault.

Por último, vale ressaltar que a amostra para ARS foi obtida através da lista eletrônica de discussão da Redepop, uma ferramenta de comunicação e informação com forte presença dos atores dos diversos coletivos ou grupos que compõem o campo da Educação Popular e Saúde. Entende-se, neste trabalho, que a Redepop não representa a totalidade e toda complexidade do movimento de EPS. Porém, o número dos respondentes e as características deles, podem dar indícios da configuração da Educação Popular e Saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Ministério da Saúde (2007). *Caderno de Educação Popular e Saúde*.

Brasília, DF:

Ministério da Saúde (2007). (Série B. *Textos Básicos de Saúde*)

Carvalho, M. A. P., Acioli, S., & Stotz, E. N. (2001). O processo de construção compartilhada do conhecimento: uma experiência de investigação científica do ponto de vista popular. In E. M. Vasconcelos (org). *A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde* (pp. 101-114). São Paulo: Hucitec.

David, H. M. S. L., & Acioli, S. (2010). Mudanças na formação e no trabalho de enfermagem: uma perspectiva da educação popular e de saúde. *Rev. bras. enferm.*, 63 (1), 127-131.

Foucault, M. (1979). Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In M. Foucault. *Microfísica do poder* (pp. 69-78). Rio de Janeiro: Graal.

Marteleteo, R. M. (2001). Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. *Ciência da Informação*, 30 (1), 71-81.

Marteleteo, R. M. (2009). Jovens, violência e saúde: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos. *Reciis*, 3 (3), 17-24.

- Marteleteo, R. M. (2010) Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, 3, 27-46.
- Marteleteo, R. M. (2012). Redes Sociais, informação e apropriação de conhecimentos em saúde nos espaços locais: os papéis dos atores. In T. T. C. Egler., & H. M. Tavares (org). *Política pública, rede social e território*. Rio de Janeiro: Letra Capital.
- Marteleteo, R. M., & Ribeiro, L. B. (2001). Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. *Informação & Sociedade: Estudos*, 11 (1).
- Marteleteo, R. M., & Valla, V. V. (2003). Informação e Educação Popular: o conhecimento social no campo da saúde. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 8 (1), 8-21.
- Pedrosa, J. I. S. (2008). Educação Popular e Saúde e gestão participativa no Sistema Único de Saúde. *Revista APS*, 11 (3), 303-313.
- Scheren-Warren, I. (2005). Redes Sociais: Trajetórias e fronteiras. In L. C. Dias, Silveira, R., & L. L. Silveira. *Redes, Sociedade e Territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Scheren-Warren, I. (2006). *Das mobilizações às redes de movimentos sociais*. Soc. Estado, Brasília, 21 (1).

Stotz, E. N., David, H. M. S. L., & Wong Un, J. A. (2005). Educação Popular e Saúde: trajetória e desafios de um movimento social. *Revista APS*, 8 (1), 49-60.

Vasconcelos, E. M. (2004). Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa em saúde. *Physis*, 14 (1), 67-84.

Vasconcelos, E. M. (2007). Educação Popular: instrumento de gestão participativa dos serviços de saúde. In Brasil. Ministério da Saúde (org.). *Caderno de Educação Popular e Saúde*. (pp. 1829). Brasília: Ministério da Saúde.

Vasconcelos, E. M. (2010). O significado da educação popular e saúde na realidade e na utopia da atenção primária à saúde brasileira. In M. A. M. Mano., & E. V. Prado (org.). *Vivências de educação popular na atenção primária à saúde: a realidade e a utopia*. (pp. 13-19) São Carlos: EdUFSCar.